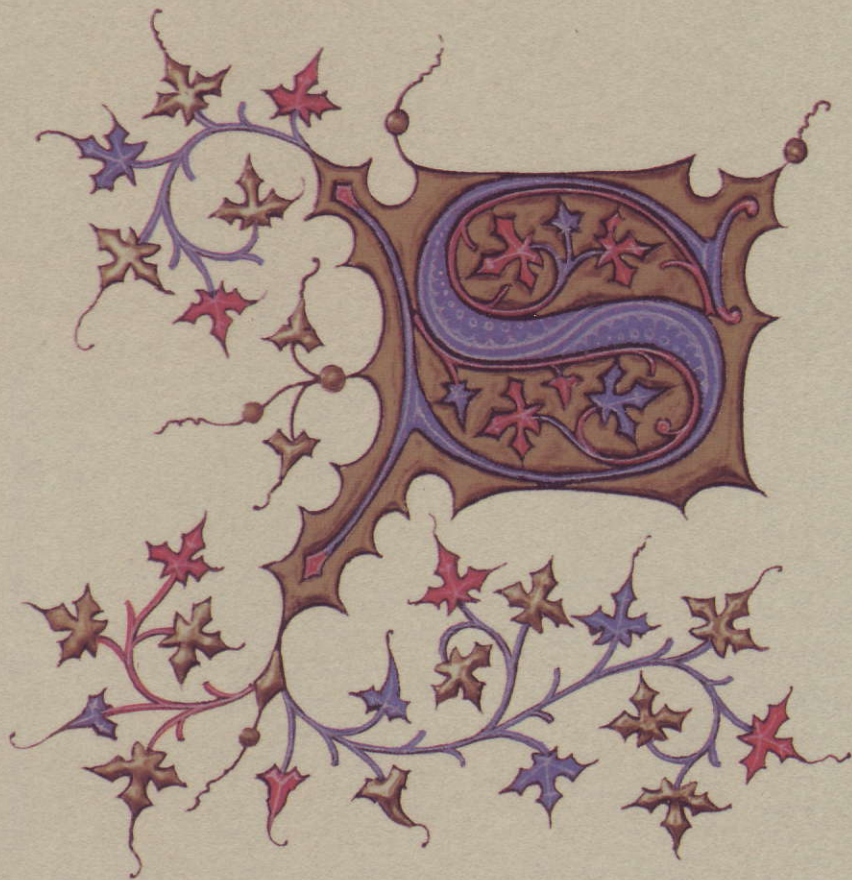


# S ã m m m

REVISTA DA ABREM  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS MEDIEVAIS



G

2007

ISSN 1516-6295

## O CAMINHO DE SANTIAGO: A CRIAÇÃO DE UM ITINERÁRIO

---

ADELINE RUCQUOI\*

Na literatura latina medieval há um texto que fez, e ainda faz, jorrar rios de tinta: o *Codex Calixtinus* ou *Liber Sancti Jacobi*, cujo exemplar mais antigo e mais completo está conservado nos arquivos da catedral de Santiago de Compostela e remonta aos anos 1140-1160. Esse texto, ou mais exatamente esse conjunto de textos, já que compreende cinco “livros”, foi por muito tempo descartado pelos especialistas da literatura hispânica, que não o reconheciam como fazendo parte desta.

Quando, entre o final do século XIX e o começo do século XX, historiadores e exegetas se debruçaram sobre o problema das origens das dioceses ou dos reinos utilizando métodos positivistas, poucos textos resistiram à sua crítica implacável. Monsenhor Louis Duchesne

\* Centre National de Recherche Scientifique (C.N.R.S.), França. (Tradução de Vivian P. C. Coutinho de Almeida. Tradução das citações latinas por Yara Frateschi Vieira)

(1843-1922), em particular, que já tinha criticado as lendas que corriam a respeito dos fundadores das dioceses da França, destruiu igualmente aquela que tratava da evangelização da Espanha pelo apóstolo Santiago e de sua translação para a Galiza após seu martírio<sup>1</sup>. Paralelamente, Joseph Bédier (1864-1938), em seu estudo sobre a formação das canções de gesta, analisou a crônica que constitui o quarto livro do *Iacobus* ou *Liber Sancti Iacobi* e concluiu que “a Crônica dita de Turpin foi composta por um só escritor, um francês, que escreveu entre os anos 1126 e 1165, mais precisamente, como veremos a seguir, por volta de 1140-1150”<sup>2</sup>. Por sua vez, Louis Barrau-Dihigo (1876-1931), que se debruçou sobre a documentação da Alta Idade Média na Espanha, tinha afirmado que a maior parte desta deveria ser considerada como falsificações posteriores ao século XII ou ao XIII<sup>3</sup>. Em tal contexto, o *Pseudo-Turpin* foi normalmente atribuído a um autor francês.

A publicação, em 1938, por Jeanne Vielliard, do quinto livro do *Codex* sob o título de *Guide du pèlerin de Saint-Jacques de Compostelle*, foi acompanhada de uma tentativa de descobrir a identidade de seu autor. Jeanne Vielliard escreveu que o texto era obra de um peregrino francês, sem ainda afirmar que ele era atribuído a Aymeric Picaud, mencionado numa carta atribuída ao papa Inocêncio II e autor de um poema<sup>4</sup>. Mas, dez anos mais tarde, René Louis atribuiu sem hesitar a Aymeric Picaud o conjunto do *Codex Calixtinus*, assim como o prólogo atribuído a Calixto II e a carta atribuída ao papa Inocêncio II; o conjunto teria sido elaborado em Asquins, perto de Vézelay, entre 1135 e 1139<sup>5</sup>. André de Mandach e Pierre David aceitaram essa autoridade,

1. L. DUCHESNE, *Mémoire sur l'origine des diocèses épiscopaux dans l'ancienne Gaule*, Nogent-le-Rotrou, 1890; *Les anciens recueils de légendes apostoliques*, Bruxelles, Polleunis e Ceteurick, 1895; “Saint-Jacques en Galice”, *Annales du Midi*, 1900.
2. J. BÉDIER, *Les légendes épiques. Recherches sur la formation des chansons de geste*, (1908-1913), 3<sup>e</sup> ed., Paris, Honoré Champion, 1966, v. III, p. 68.
3. L. BARRAU-DIHIGO, *Études sur les actes des rois asturiens (718-910)*, Nova York-Paris, 1919.
4. J. VIELLIARD, *Le Guide du pèlerin de Saint-Jacques de Compostelle*, Mâcon, Protat, 1938, reed. 1978, p. XIII.
5. *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*, 1948-1949, pp. 80-97.

embora expressando suas reservas quanto ao verdadeiro papel de Aymeric Picaud, autor, copista ou simplesmente doador<sup>6</sup>. Desde então, Aymeric Picaud, este obscuro personagem do qual não se sabe nada, tornou-se o autor do quinto livro, obra com finalidade de “guiar” o peregrino ao longo de um itinerário usualmente seguido.

Ora, estudos recentemente efetuados sobre os diversos livros do *Codex Calixtinus*, assim como a publicação de uma edição crítica do texto conservado em Compostela,<sup>7</sup> questionaram várias destas atribuições e, principalmente, a de um autor ou autores franceses<sup>8</sup>.

Analisando em profundidade o quarto livro do *Codex*, Manuel Díaz y Díaz e Fernando López Alsina chegaram a uma dupla conclusão. Em primeiro lugar, a história da descoberta da tumba de Santiago pelo imperador Carlos Magno após uma revelação, assim como a descoberta de inúmeros privilégios que este teria concedido à igreja de Compostela, tinham por objetivo claro a exaltação desta última. A seguir, o *Pseudo-Turpin*, texto incluído no *Codex*, foi certamente redigido em duas épocas diferentes. O relato da revelação feita a Carlos Magno pelo apóstolo Tiago, que o incumbiu de liberar seu túmulo, e a campanha que se seguiu marcada pela tomada de Pamplona, pelo encontro com Ferragut e pelas lanças que floresceram antes da batalha remonta, sem dúvida, ao século XI, época da primeira cruzada. Diante de uma Igreja gregoriana que questionava a apostolicidade da sé de Compostela, a atribuição da descoberta do túmulo ao grande imperador do Ocidente, coroado por um papa, e após uma campanha de liberação que tinha todas as características de cruzada, vinha sem dúvida ao encontro da causa de Santiago. Trinta anos mais tarde, por volta de 1120-1130, a presença de Santiago na Galiza não era mais efetivamente questionada,

6. A. de MANDACH, *Naissance et développement de la chanson de geste en Europe*, vol. 1: *La geste de Charlemagne et de Roland*, Genebra-Paris, 1961. P. DAVID “Études sur le livre de Saint-Jacques attribué au pape Calixte II”, *Bulletin des Études Portugaises*, 13, 1949.
7. *LSI (Liber Sancti Iacobi)*, ed. K. Herbers e M. Santos Noia, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 1998. Daqui em diante, *LSI*.
8. A. RUCQUOI, *Calixtus or Aymery. Who is the author of the Liber Sancti Iacobi?* Londres, Constance Storrs Conference (no prelo).

mas os privilégios de que gozava a igreja compostelana eram contestados pela de Toledo, cujo titular era primaz das Espanhas desde 1086. Um segundo relato foi então elaborado a fim de trazer novamente Carlos Magno à Galiza, não mais à frente de um exército de cruzados, mas como peregrino, para lutar contra o paganismo e fundar a igreja assegurando-lhe seus privilégios; é este o relato atribuído a Turpin e escrito em primeira pessoa. O quarto livro do *Codex* ou *Pseudo-Turpin*, união desses dois relatos, foi então certamente redigido em Compostela nos meios próximos dos bispos e arcebispos e do capítulo<sup>9</sup>.

O quinto livro – que se tornou o quarto por volta de 1260, quando o *Pseudo-Turpin* foi separado do *Codex* e se tornou um volume específico – complemento manifesto do precedente, trata de fato dos caminhos que levam a Compostela e descreve amplamente a nova catedral. O *Guia do Peregrino de Santiago de Compostela* inscreve assim, na paisagem contemporânea, a gesta de Carlos Magno e de seus bravos vindos libertar o túmulo do apóstolo e fundar sua igreja, que é narrada no *Pseudo-Turpin*.

A importância conferida às duas rotas opostas, a *via Turonense* e a *via Aegidiana*, vias de circulação de estudantes e mestres que iam ou vinham das escolas do vale do Loire e do Sena onde se ensinava o *trivium*, ou das escolas da Itália e da Provença onde eram lecionados Direito e Medicina, evoca uma obra da escola compostelana. As lembranças dos mestres e dos estudantes, dentre os quais alguns de origem estrangeira, foram certamente evocadas para criar e descrever essas “quatro vias que conduzem a Santiago”<sup>10</sup>. A escola compostelana teve o cuidado de ligar o livro V ao livro IV, o *Guia* ao *Pseudo-Turpin*.

9. M. DÍAZ Y DÍAZ, “La posición del Pseudo-Turpin en el *Liber Sancti Iacobi*”, e F. L. ALSINA, “La prerrogativa de Santiago en España según el Pseudo-Turpin: ¿tradiciones compostelanas o tradiciones carolingias?”, em K. HERBERS (ed.), *El Pseudo-Turpin. Lazo entre el culto jacobeo y el culto de Carlomagno* (Actas del VI Congreso Internacional de Estudios Jacobeos), Xunta de Galicia, 2003, p. 99-111 e 113-129.
10. *LSI*, V, 1: *Quatuor vie sunt que ad Sanctum Iacobum tendentes...* [Há quatro caminhos que conduzem a Santiago...]. A. RUCQUOI, “*De grammaticorum schola*. La tradición cultural compostelana en el siglo XII”, em P. C. SAUCKEN (ed.), *Visitandum est... Santos y cultos en el Codex Calixtinus* (Actas del VII Congreso Internacional de Estudios Jacobeos), Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2005, pp. 235-254.

A maior parte dos lugares cuja visita é recomendada, no capítulo 8 do *Guia*, guarda uma relação com a lenda do imperador: São Gilles é um abade do século VIII graças ao qual um pecado de Carlos Magno foi perdoado; esse “pecado” é Rolando, cujo corpo repousa em Blaye, perto de Bordeaux; os fiéis companheiros de Rolando, mortos com ele em Roncesvalles, estão enterrados em Belin, ao sul de Bordeaux. O duque Guilherme da Aquitânia, que lutou com Carlos Magno antes de fundar em Gellone o mosteiro de Saint-Guilhem-le-Désert, é o herói de outro ciclo épico. Quanto ao edifício que deve ser visitado em Compostela, ainda que construído sob a autoridade do arcebispo Diego Gelmírez e de seus sucessores, remete àquele cuja fundação o *Pseudo-Turpin* atribui ao imperador da barba florida, por ocasião de sua segunda viagem à Espanha.

Entretanto, mais do que as regiões ao norte dos Pireneus citadas no primeiro e no oitavo capítulos, o *Guia do Peregrino* descreve regiões localizadas na Espanha. Os capítulos 2 e 3 indicam que há três etapas desde o estreito de Somport até Puente la Reina – de Borce a Jaca, passando pelo hospital Santa Cristina e Canfranc, de Jaca a Monreal passando por Osturit e as fontes termais de Tiermas, e de Monreal a Puente la Reina – e treze etapas entre Roncesvalles e Santiago:

de Saint-Michel a Viscarret passando pelo hospício de Rolando e Roncesvalles

de Viscarret a Pamplona passando por Larrasoaña

de Estella a Nájera (a cavalo) passando por Los Arcos, Logroño, Villaroya

de Nájera a Burgos (a cavalo) passando por Santo Domingo de La Calzada, Redecilla, Belorado, Villafranca, a floresta de Oca, Atapuerca

de Burgos a Frómista passando por Tardajos, Hornillos, Castrogeriz, a ponte de Itera

de Frómista a Sahagún passando por Carrión

de Sahagún a León passando por Mansilla

de León a Rabanal passando por Orbigo e Astorga

de Rabanal a Villafranca pelos montes Irago, depois Molina Seca, Ponferrada e Cacabelos

de Villafranca a Triacastela pelo Cebreiro passando por Castro Sarracín, Villaus, o hospital do Cebreiro e por Liñares de Rei

de Triacastela a Palas de Rei por San Miguel Barbado, Portomarín, Sala de la Reina

de Palas de Rei a Santiago por Leboreiro, Santiago de Boente, Castañeda, Villanova, Ferreiros

Após dois capítulos curtos que evocam os três principais hospitais da Cristandade – Jerusalém, Mont-Joux ou Grand Saint-Bernard e Somport – e mencionam os nomes de sete personagens que conservaram estradas e pontes entre Rabanal e Portomarín, o capítulo 6 enumera vinte e três rios e cursos d'água que o viajante encontra desde o Aragón, ao pé do Somport, até o Sar e o Sarela, que circundam a cidade de Santiago. O capítulo 7 descreve as qualidades e os defeitos dos poitevinos e dos gascões ao norte dos Pireneus, dos navarros e dos bascos, dos espanhóis (de Castela e Tierra de Campos) e dos galegos ao sul. O capítulo 8, enfim, último capítulo que trata dos caminhos que levam a Compostela, é consagrado aos santuários que se devem visitar pelo caminho: dez ao longo da *via Turonensis*, nove ao longo da *Aegidiana*, três na *Vezeliensis*, apenas um na *Podiensis* e três na *iter francigenus* ou “caminho francês”. Os três capítulos finais do *Guia do peregrino* são inteiramente consagrados à igreja de Santiago e ao acolhimento aí dado aos peregrinos.

Se o quarto livro do *Liber Sancti Iacobi* relata os feitos de Carlos Magno na Espanha, o quinto confere à Espanha um lugar claramente predominante, seja na descrição dos caminhos que levam a Compostela, seja na exaltação da sé apostólica. Mesmo que estudantes ou mestres estrangeiros – vindos das Gálias, da França ou de outras regiões – tenham certamente participado da elaboração destas duas partes do *Liber*, este último é inegavelmente obra produzida em Compostela, nos meios próximos à basílica. Mas com que objetivo? A história de Carlos Magno, cruzado que veio liberar o túmulo de Santiago das mãos dos infiéis e depois peregrino que restituiu a Galiza ao cristianismo e fundou sua igreja, servia seguramente aos interesses de Compostela. Seus bispos, arcebispos desde 1120, e seu capítulo poderiam assim responder ao papa do que se recusava a reconhecer a apostolicidade da sé – Leão IX excomungou o bispo Crescônio em 1049 por ter ousado reivindicar o título

apostólico<sup>11</sup> – e aos arcebispos de Toledo, primazes das Espanhas, que contestavam seus privilégios. Nos dois casos, Carlos Magno era a autoridade que justificava as pretensões compostelanas. Mas a qual interesse respondia a elaboração do quinto livro, o *Guia do peregrino*?

Pierre-Gilles Girault, estudando a peregrinação a Saint-Gilles tal como descrita no *Codex Calixtinus*, ressaltou o fato de que a menção neste *Codex* aos grandes centros de peregrinação da época – tais como São Pedro de Roma, Nossa Senhora de Puy, Saint-Gilles na Provença, Santa Maria-Madalena de Vézelay, São Leonardo de Noblat ou São Martinho de Tours – tinha a função de recrutar peregrinos nestes lugares a fim de enviá-los às maravilhas de Compostela<sup>12</sup>. O *Liber Sancti Iacobi* teria assim desempenhado um papel de “propaganda”, de “publicidade” para a peregrinação, uma publicidade que se dirigia aos peregrinos e ia então buscá-los nos lugares em que se encontravam.

Podemos talvez ir ainda mais longe nesta interpretação do texto. O segundo livro, que relata uma série de milagres operados pelo apóstolo, o quarto, que conta a liberação do túmulo por Carlos Magno, e o quinto, que indica as vias a seguir para se chegar, a exemplo do imperador, a Compostela, criam de fato um itinerário no qual se misturam a realidade e o maravilhoso.

Os peregrinos, é claro, não esperaram a elaboração do *Liber Sancti Iacobi* para se dirigirem à Galiza, e muito cedo espanhóis e estrangeiros trabalharam em favor do santuário. Descoberto por volta de 820-830 após uma *revelatio*, pelo bispo Teodomiro de Iria, o *locus* de Santiago foi objeto de doações reais desde o ano de 834<sup>13</sup>. Usuardo de Saint-Germain des Prés († 877), no *Martiroológico* que redigiu por volta de 860-870, e Notker, monge de Saint-Gall na Suíça por volta de 896, no seu,

11. J.D. MANSI, *Sacrorum conciliorum nova et amplissima collectio*, t. 19, Veneza, 1174, col. 741: *Excommunicatus est etiam Sancti Iacobi archiepiscopus Galliciensis, quia contra fas sibi vendicaret culmen apostolici nominis*. [Foi também excomungado o arcebispo galego de Santiago, que contra o direito reivindicava para si o mais alto título apostólico.]

12. P.-G. GIRAULT, “Saint-Gilles y su peregrinación en el siglo XII en el *Codex Calixtinus*”, *Visitandum est... Santos y cultos en el Codex Calixtinus*, pp. 129-147.

13. *Tumbo A de la catedral de Santiago*, ed. M. L. ÁLVAREZ, Santiago de Compostela, Seminario de Estudios Galegos, 1998, nº1 pp. 49-51.



difundiram na Cristandade setentrional a história da translação do corpo do apóstolo e, retomando a falsa epístola do patriarca León – provavelmente elaborada em Oviedo por volta de 850<sup>14</sup> – levaram os cristãos a crer que São Tiago Maior repousava de fato na Galiza e a se unirem ao grande número daqueles que para lá se dirigiam para venerá-lo<sup>15</sup>. Pouco tempo depois, em 906, na carta que endereçou aos cônegos de Tours que haviam pedido um auxílio financeiro, o rei Afonso III recomendou a via marítima àqueles que desejassem se dirigir a Santiago<sup>16</sup>; em 899, ele tinha erguido em Compostela uma admirável basílica<sup>17</sup>.

De fato, os peregrinos parecem ter rapidamente respondido ao chamado. O primeiro de que temos conhecimento é um alemão que, após ter visitado numerosos santuários, teria recobrado a visão em Compostela, por volta de 930<sup>18</sup>. Dois decênios mais tarde, o bispo de Puy, Go-

14. F. L. ALSINA, *La ciudad de Santiago de Compostela en la Alta Edad Media*, Santiago de Compostela, 1988, pp. 119-127.
15. *PL*, vol. 124, c. 295, e vol. 131, c. 1125. O texto de Usuardo precisa, para 25 de julho: ... *Natalis beati Jacobi apostoli, fratris Joannis evangelistae, qui ab Herode rege decollatus est. Hujus sacratissima ossa ab Hierosolymis ad Hispanias translata, et in ultimis earum finibus condita, celeberrima illarum gentium veneratione excoluntur.* [Nascimento de Santiago apóstolo, irmão de João o evangelista, que foi decapitado pelo rei Herodes. Tendo sido os seus santíssimos ossos trasladados de Jerusalém às Espanhas e enterrados nos seus confins, são ali honrados com concorridíssima veneração daqueles povos.]. O de Norker diz: ....*Hujus beati apostoli sacratissima ossa ad Hispanias translata, et in ultimis earum finibus, videlicet contra mare Britannicum condita, celeberrima illarum gentium veneratione excoluntur. Nec immerito, quia ejus corporali praesentia et doctrina atque signorum efficacia iidem populi ad Christi fidem conversi referuntur. Ad quorum fidei confirmationem etiam beatissimus apostolus Paulus se iturum esse pollicetur.* [Os sacratíssimos ossos desse santo apóstolo foram trasladados às Espanhas e enterrados nas suas partes mais remotas, isto é, perto do mar Britânico, nelas sendo honrados com concorridíssima veneração daqueles povos. E não sem razão, pois pela sua presença corporal e ensinamentos, bem como pela eficácia dos sinais, os mesmos se converteram à fé de Cristo. E o próprio beatíssimo apóstolo Paulo prometeu ir até ali para confirmar-lhes a fé.]
16. A. L. FERREIRO, *Historia de la Santa Iglesia de Santiago de Compostela*, II, app. XXVII, pp. 57-60. Ainda que L. BARRAU-DIHIGO, *Recherches sur l'histoire politique du royaume asturien...*, *op. cit.* pp. 86-91, tenha questionado a autenticidade do documento, como em vários outros casos, este foi sem dúvida copiado de um original. Ver F. L. ALSINA, *La ciudad de Santiago de Compostela...*, *op. cit.*, pp. 39-43.
17. *Tumbo A de la catedral de Santiago*, nº 18, pp. 71-74. F. L. ALSINA, *La ciudad de Santiago de Compostela...*, *op. cit.*, pp. 145-196.
18. K. HERBERS, "El primer peregrino ultrapirenaico a Compostela a comienzos del siglo X y las relaciones de la monarquía asturiana con Alemania del Sur", *Compostellanum*, 36, 1991, pp. 255-264.

descalco, partiu para Compostela acompanhado por muitas pessoas e deteve-se no caminho em San Martín de Albelda<sup>19</sup>. Em 961, o bispo de Reims, Hugo de Vermandois, encontrava-se em Compostela<sup>20</sup>. Por volta de 983-984, um certo Simeão, monge armênio que partiu de Jerusalém para visitar os grandes santuários do Ocidente, foi a Roma, atravessou a Aquitânia e a Gasconha e chegou à Galiza, “na igreja de São Tiago apóstolo”<sup>21</sup>. A partir do ano 1000, as menções a peregrinos e a peregrinações não param de crescer na documentação.

Duas vias, uma marítima, outra terrestre, permitiam então aos peregrinos alcançar o santuário da Galiza. A via marítima, que liga a Galiza à costa da Aquitânia, é muito antiga e, na época romana, *Brigantium* (La Coruña), *Noega* (Gijón), *Portus Victoriae* (Santander) e *Oiasso* (Irún) eram os principais portos da costa Cantábrica, pelos quais transitavam homens e mercadorias indo ou vindo para *Burdigala* (Bordeaux) e para o norte da Europa<sup>22</sup>. É então possível que os legados que o rei suevo Miro (570-583) enviou ao rei Gontrando (561-593) e que se detiveram em Poitiers tenham utilizado esta via<sup>23</sup>. Quando em 906 o rei Afonso III de Oviedo respondeu aos cónegos de Tours que desejavam vender-lhe uma coroa de seu tesouro, propôs que a troca fosse efetuada em Bordeaux, na casa de seu amigo, o *dux* Amalvinus, para onde ele enviaria, por via marítima, os membros de sua corte com o dinheiro, e situou de passagem Compostela para aqueles que viriam

19. Paris, B.N., Ms. Lat. 2855. Prólogo publicado em M.C. DÍAZ Y DÍAZ, *Libros y librerías en la Rioja altomedieval*, 2ª ed., Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, 1991, p. 279-281: ... *compulsus a Gotiscalco episcopo, qui gratia orandi egressus a partibus Aquitaniae promissima magno comitatu fultus ad finem Galleciae pergebat concitus...* [...impelido pelo bispo Gotiscalco, que pela graça da oração saiu da Aquitânia com toda presteza, seguido de numerosa escolta, e dirigia-se apressado para os confins da Galiza...]
20. L. V. DE PARGA, J. M<sup>a</sup> LACARRA e J. U. RÍU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, 3 v., Madri, 1948, reed. fac-simile, Pamplona, Gobierno de Navarra, 1992, v. I, p. 44-45.
21. *Acta Sanctorum, Julii*, t. VI, Antuérpia, 1729, p. 319-337: “*De S. Simeone moacho et eremita*”; p. 331.
22. C. F. OCHOA (ed.), *Gijón, puerto romano*, Barcelona, Lunwerg Editores, 2003.
23. GREGÓRIO DE TOURS, *Historia Francorum*, V, XLII, PL.71, c. 357.

pelo oceano<sup>24</sup>. Em 952, foi fundado na Galiza, no caminho que leva do porto de Brigantium a Compostela, o mosteiro de São Salvador de Sobrado, o qual recebeu doações reais em 958 e em 968, para acolher principalmente estrangeiros, viajantes e peregrinos<sup>25</sup>.

Aliás, Oviedo e suas regiões vizinhas, onde os peregrinos chegavam pelo porto de Gijón, muniu-se muito cedo de uma rede hospitaleira. Afonso III fundou em 981 o mosteiro de San Adrián de Tuñón, a uma dezena de quilômetros a oeste de Oviedo, e o dotou para “o acolhimento dos viajantes e a manutenção dos pobres”<sup>26</sup>. Em fevereiro de 1033, os monges de San Juan Bautista de la Cortina, perto de uma ponte sobre o rio Aller, receberam uma doação para a fundação e manutenção de um *hospitium* para os peregrinos<sup>27</sup>. Em 1060, uma certa Adosinda Roderiquiz doou uma série de bens fundiários ao bispo Froilanus e à catedral de Oviedo, a fim de garantir a alimentação e o vestuário dos peregrinos<sup>28</sup>.

Os peregrinos que desembarcavam em Gijón atravessavam em seguida a cordilheira, talvez tomando a estrada aberta em 922 pelo rei Fruela pelo vale do Sil, como lembrou uma inscrição epigráfica<sup>29</sup>. Uma

24. A. L. FERREIRO, *Historia de la Santa ...Iglesia de Santiago de compostela*, t. II, app. XXVII, pp. 57-60: ... *Quamobrem pernoscite navalem remigationem inter vos et amicium nostrum Amalvinum ducem Burdelensem inesse et opitulante alti Poli potentia in hoc anno qui est Incarnatione Domini DCCCCVI, indictione VIII, inter cetera maxime disposuimus, ut messe madio nostrae naves, cum pueris palatii nostri usque burdelensem civitatem remigent (...) Quod autem exquisistis quantum ab Oceano mari eminus distat eius tumultus, vel in quo loco situs est, a mari virio pernoscite usque ad locum ubi, Domino gubernante, duos fluvios, quos antiqua vetustas nominavit Voliam et Sarem, in locum qui dicitur Bisria, veteris sedis Iriensis, cclesiae sanctae Eolaliae habentur millia X, et exinde usque ad gloriosum eius sepulchrum habentur millia XII.*
25. P. L. DE G. DE VALDEAVELLANO, *Tumbos del monasterio de Sobrado de los Monjes*, 2 v., Madri, Archivo Histórico Nacional, 1976, I, nº3, pp. 27-29: ... *ad hospitium viatorum vel ad substantiam peregrinorum...* [para o alojamento dos viajantes ou alimentação dos peregrinos...], nº 106, pp. 125-127: ...*pro hospitibus suscipiendis seu peregrinis...* [para receber os hóspedes ou peregrinos], e nº 107, pp. 127-130: ... *pro elemosinis pauperum vel advenientium peregrinorum...* [para esmolas dos pobres ou dos peregrinos que chegam].
26. S.A.G. LARRAGUETA, *Colección de documentos de la catedral de Oviedo*, Oviedo, CSIC, 1962, nº 13, pp. 48-53: ...*pro suscepcionem peregrinorum et sustentacionibus pauperum...* [para acolhimento dos peregrinos e alimentação dos pobres].
27. S.A.G. LARRAGUETA, *Colección de documentos ...*, nº44, p.148-150.
28. S.A.G. LARRAGUETA, *Colección de documentos ...*, nº 62, pp. 193-197.
29. *Orígenes. Arte y cultura en Astúrias, siglos VII-XV*, Oviedo, 1993, nº 89, pp. 139-140.

vez transposta a cordilheira, eles seguiam o curso do Luna e do Órbigo e ganhavam a antiga via romana pouco antes de Astorga. De fato, a partir da metade do século X, as fundações hospitalceiras, ou pelo menos as doações feitas aos mosteiros que hospedavam os viajantes, se multiplicaram: a San Pedro y San Pablo Castañero em 960, a San Salvador de Astorga em 963, a San Dictino de Astorga em 980, a San Juan Bautista de Cerecedo em 1107, a San Andrés sobre as margens do Argutorio em 1031 e em 1036, a San Salvador de Bárcena sobre o Sil em 1032, a San Salvador d'Albares, no Bierzo, em 1043<sup>30</sup>.

A via terrestre seguia o traçado da antiga via romana setentrional, que ligava o Mediterrâneo à Galiza pelo curso do Ebro, e depois ao norte da meseta; essa via tinha servido em particular para transportar o ouro extraído das minas de Las Médulas, ao sul de Ponferrada, até Tarragona, e depois até Roma. Grande via de circulação, ela parece entretanto ter sido menos empregada pelos peregrinos durante a Alta Idade Média. Apenas os mosteiros de San Martín de Albelda, que teria recebido em 933 uma doação para os viajantes e que acolheu, em 950-951, o bispo Godescalco de Puy e sua comitiva, além do de San Martín de Modúbar ao sul de Burgos, mencionado em 944, e o de Sahagún ao qual o rei Ramiro II fez uma doação em 945, pois este acolhia estrangeiros e grandes personagens, parecem ter oferecido hospitalidade aos viajantes, mesmo que os mosteiros que seguiam a Regra de São Bento ou a de Santo Isidoro tivessem a obrigação de acolher a todos que o solicitassem<sup>31</sup>.

Foi na segunda metade do século XI que a via terrestre se tornou realmente "o caminho francês". Em 1052, o rei Garcia III de Pamplona

30. G. C. DOMÍNGUEZ e E. M. LÓPEZ, *Collección documental de la catedral de Astorga*, t. I (646-1126), León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 1999, nº 93, III, 143, 202, 264, 279, 268, 297.

31. A. U. ARTETA, *Carrulario de Albelda*, Saragoça, Textos Medievales 1, 1981, nº 7, pp. 17-18. G. MARTÍNEZ DÍEZ, *Collección documental del Monasterio de San Pedro de Cardena*, Burgos, Caja de Ahorros y Monte de Piedad, 1998, nº 43, pp. 73-76. J.M<sup>a</sup> MÍNGUZ FERNÁNDEZ, *Collección diplomática del monasterio de Sahagún (siglos IX y X)*, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 1976, nº 98, pp. 130-132. Ver A. RUCQUOI, "Peregrinus. L'hospitalité spécialisée sur le chemin de Saint-Jacques (850-1150)", *Voyages et voyageurs (130e Congrès National des Sociétés Historiques et Scientifiques*, La Rochelle, 18-23 avril 2005), no prelo.

e a rainha Estefanía fundaram em Nájera, cidade que escolheram para capital, a abadia real de Santa Maria e dotaram-na de bens que deviam servir principalmente ao acolhimento dos *peregrini seu hospites*<sup>32</sup>. No início dos anos 1080, o bispo de Pamplona, Pedro de Roda, criou no capítulo uma dignidade particular de “cônego hospitaleiro” e estipulou que parte dos bens administrados pelo capítulo devia ser utilizada “para construir uma casa onde os pobres fossem alimentados”; em 1085, um padre de Tajonar doou seus bens a Santa María de Pamplona e a seu albergue, para a esmola dos pobres<sup>33</sup>.

O rei Sancho Ramirez de Aragão (1063-1094) fundou um *hospital* no estreito do Somport, nos Pireneus, que confiou a *seniores* e ao qual concedeu diversos privilégios em março de 1078<sup>34</sup>; no pé do estreito, em Jaca, seu irmão, o bispo Garcia (1076-1086), instituiu uma “esmolaria” para receber os pobres, à qual, em março de 1084, o rei ofereceu diversos bens fundiários<sup>35</sup>. Em 1100, Pedro I de Aragão doou ao hospital de Santa Cristina de Somport uma renda anual de 200 moedas de Jaca *ad elemosinam pauperum inde transeuntibus*<sup>36</sup>.

Em 1067, depois em 1076 e em 1085, o mosteiro de San Sebastián de Silos e seu abade Domingos – o futuro santo – receberam sucessivamente do rei Sancho II de Castela, do Cid e do conde Pedro Ansures bens “para o acolhimento dos hóspedes e a esmola aos pobres, assim como para a manutenção dos monges”<sup>37</sup>. Em 1078, Afonso VI de Castela isentou de serviço militar os homens do mosteiro de Sahagún, para que fosse construída uma casa com sessenta leitos e para que

32. M. C. MONTENEGRO, *Colección documental de Santa Maria la Real de Nájera*, t.I (siglos X-XIV), San Sebastián, Eusko Ikaskuntza, 1991, nº 10, pp. 17-22.

33. J. G. GAZTAMBIDE, *Catálogo del archivo catedral de Pamplona*, t. I (829-1500), Pamplona, Diputación Foral de Navarra, 1965, nº 37, p. 10.

34. Á. C. LÓPEZ, *La colección diplomática de Sancho Ramirez*, Saragoça, Real Sociedad Aragonesa de Amigos del País, 1993, nº 47, pp. 59-60.

35. A. D. GUDIOL, *Colección diplomática de la catedral de Huesca*, Saragoça, CSIC, 1965, v. 1, nº 105, pp. 129-130. Á. C. LÓPEZ, *La colección diplomática de Sancho Ramirez*, nº 68, p. 75.

36. J. KIVIHARJU, *Cartulario del hospital de Santa Cristina de Somport*, Helsinque, Suomalainen Tiedeakatemia, 1991, nº 2, pp. 17-18.

37. M.C. V. GÓMEZ, *Documentación del monasterio de Santo Domingo de Silos (954-1254)*, Burgos, Fuentes Medievales Castellano-Lconesas, 1988, nº15, pp. 16-18.

fossem distribuídas a cada dia sessenta rações e sessenta taças de vinho aos *peregrini* e aos indigentes<sup>38</sup>. Em 1084, o bispo Pelayo de León fundou às portas de sua catedral uma *domus ospitalitatis*, onde deveriam poder ser recebidos “todos os pobres, os fracos, os deficientes, os cegos, os indigentes e os estrangeiros de outras províncias – *peregrini aliarum provinciarum* – buscando refúgio”<sup>39</sup>. Seu sucessor, Pedro, construiu em 1096 um outro hospital para os *peregrini e os pauperi Christi*, ao lado das igrejas de Santiago Apóstolo, San Marcelo e San Adrián, que mandou restaurar<sup>40</sup>. Em fevereiro de 1085, Afonso VI de Castela doou uma série de bens “ao albergue que se encontra na cidade de Burgos, para que sirva aos pobres e à manutenção dos *peregrini*”, e depois, em 1091, ofertou à abadia de La Chaise-Dieu o mosteiro de San Juan Bautista, cuja construção foi ordenada por ele na entrada da cidade, e à *domnus Adelelmus* – o futuro São Lesmes – a capela dedicada a São João Evangelista, situada na proximidade do mosteiro, “a fim de que fossem aí sepultados os pobres e os *peregrini*”<sup>41</sup>.

O estreito do Somport, Jaca, Pamplona, Nájera, Burgos, Silos, Sahagún, Leão: na segunda metade, e mesmo no último quartel do século XI, a via terrestre foi progressivamente pontuada de locais de abrigo para os peregrinos que por ela passassem. Em novembro de 1072, Afonso VI e sua irmã Urraca suprimiram o pedágio que o castelo de Santa-Maria de Autares exigia na passagem de Valcarce, entre León e a Galiza, de “todos aqueles que aí passam e sobretudo dos *peregrini* e dos pobres que se dirigem a Santiago para aí rezarem”, sem esquecer dos *negotiatores*<sup>42</sup>. A atração da nova rota deve ter sido o motivo pelo qual a

38. A.GAMBRA, *Alfonso VI. Cancillería, curia e imperio*, t. II; *Colección diplomática*, León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 1998, nº 59, pp. 146-148.

39. J. M. R. ASECIO, *Colección documental del archivo de la catedral de León*, t. IV (1032-1109), León, Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 1990, nº 1236, pp. 516-519.

40. J.M.R. ASECIO, *Colección documental...*, t. IV, nº 1291, pp. 604-607.

41. A. GAMBRA, *Alfonso VI...*, t. II, nº 80-81, pp. 206-211. F.J.P. PÉREZ, *Documentación del monastério de San Juan de Burgos (1091-1400)*, Burgos, Fuentes Medievales Castellano-Leonesas, 1983, nº 1-2, pp. 3-8.

42. A. GAMBRA, *Alfonso VI...*, t. II, nº 11, pp. 22-25.

catedral de Oviedo organizou, em 1075, uma cerimônia solene de abertura da arca de suas relíquias, a *arca santa*, talvez com o objetivo de reter os peregrinos que teriam sido tentados a escolher a rota meridional<sup>43</sup>.

Mesmo que os peregrinos e os viajantes tivessem tomado a via terrestre nos séculos anteriores, a maioria dos elementos que figuram no quinto livro do *Codex Calixtinus* eram recentes, se não contemporâneos. O hospital de Santa Cristina do Somport, elogiado no quarto capítulo do *Guia*, é apenas de 1075-1080, o do Mont-Joux ou Grand-Saint-Bernard tinha sido fundado por volta de 1050 e o de Jerusalém, em 1113. O capítulo anterior, que menciona os nomes das cidades e vilarejos atravessados desde os Pireneus até Compostela, cita, depois de Nájera, Santo Domingo de la Calzada, burgo criado na segunda metade do século XI após a construção da ponte sobre o Oja, atribuída ao santo epônimo († 1109). Do mesmo modo, foi em 1090 que o rei Sancho Ramirez de Aragão desviou a rota para fazê-la passar por Estella, cidade à qual concedeu um *fuero*, ou seja, uma existência jurídica e um código de leis municipais, enquanto que a ponte de Puente-la-Reina é mencionada pela primeira vez em 1085 e que o burgo que se criou ao redor dela recebeu seu *fuero* apenas em 1122<sup>44</sup>. A construção da basílica de Compostela, amplamente descrita no capítulo 9, só começou por volta de 1075, sob a autoridade dos arquitetos Bernardo e Roberto, e durou quarenta e quatro anos segundo os autores do *Guia*, ou seja, até os anos 1122-1124<sup>45</sup>. A fonte erguida diante da porta setentrional da igreja, pela qual entravam os peregrinos, foi obra do tesoureiro Bernardo, chanceler do rei Afonso VII, que lembrou a data através de uma inscrição: abril 1122<sup>46</sup>.

43. S.A.G. LARRAGUETA, *Catálogo de los pergaminos de la catedral de Oviedo, Oviedo*, 1957, nº 48, p. 214. F. J. F. CONDE, *El Libro de los Testamentos de la catedral de Oviedo*, Roma, 1971, pp. 112-114. D. de BRUYNE, "Le plus ancien catalogue des reliques d'Oviedo", *Anal. Bollandiana*, 45, 1947, pp. 93-96.

44. J. PASSINI, *El Camino de Santiago. Itinerario y núcleos de población*, Madri, Ministério de Obras Públicas y Transportes, 1993, nº 85, p. 61, e nº 99, p. 69.

45. LSI, V, IX. S. MORALEJO, "La primitiva fachada norte de la Catedral de Santiago", *Compostellanum*, XIV/4, 1969, pp. 623-668. A. B. IGLESIAS e J. S. OTERO, *Catedral de Santiago de Compostela y museo*, León, Edileisa, 2003, pp. 33-39.

46. LSI, V, IX.

O *iter francigenus* parece então ser um itinerário recente no momento em que foram compostas as diversas peças do *Liber Sancti Iacobi*. O autor anônimo da *Historia*, redigida por volta 1115-1120 em León e que conhecemos sob o nome de *Historia Silense*, não se enganou ao consagrar todo um capítulo a Carlos Magno, para se levantar contra aqueles que “afirmam falsamente que ao sul dos montes Pireneus os francos arrancaram as cidades das mãos dos pagãos”. O autor leonês precisou então que Carlos Magno tinha entrado na Espanha a pedido de um rei muçulmano, que a única finalidade dos francos era a obtenção de ouro e que a retaguarda do exército imperial tinha sido derrotada pelos navarros<sup>47</sup>. E mesmo que, um século mais tarde, o canonista Vicente da Espanha tenha exaltado sua pátria por ser a única a não ter reconhecido Carlos Magno<sup>48</sup>; e que o arcebispo de Toledo, Rodrigo Jiménez de Rada, tenha qualificado de *fabulae histrionum* o relato que diz “que Carlos teria ganhado inúmeras cidades, castelos e fortificações na Espanha, que teria bravamente lutado várias vezes contra os árabes e teria traçado a via pública que ligava diretamente as Gálias e a Alemanha até Santiago”<sup>49</sup>, a história composta em Compostela prosperou. Em 1165, o imperador dos francos foi canonizado em Colônia e cinco anos mais tarde, uma *Vita sancti Karoli* foi escrita sob ordem de Frederico Barba-Ruiva, que se baseou dentre outras fontes no *Pseudo-Turpin* para apresentar Carlos Magno como o campeão da Cristandade diante

47. *Historia Silense*, J. P. de URBEL e A. G. RUIZ-ZORRILLA (eds.), Madri, CSIC, 1959, pp. 129-131: ... *Sed neque Carolus quem infra Pireneos montes quasdam civitates a manibus paganorum eripuisse Franci falso asserunt...*

48. G. POST, *Studies in medieval legal thought. Public law and the State 1100-1322*, Princeton University Press, 1964, p. 486: ... *Immo per hoc colligitur quod Hispania est maior aliis provinciis. Cum enim Carolus vellet cum omnibus Francigenis intrare Hispaniam, Ispani ingressu Ispaniae obviamerunt eis, et superaverunt eos in bello et occiderunt XII. paria...* [Por isso conclui-se que a Espanha é maior do que as outras províncias. Pois como Carlos quisesse entrar na Espanha com todos os francos, os hispanos vedaram-lhes a entrada da Espanha e os venceram na guerra e mataram doze pares...]

49. RODERICI XIMENII DE RADA, *Historia de rebus Hispaniae sive Historia Gothica*, III, X, CCCMe LXXII, Turnhout, Brepols, 1987, p. 128: ... *Non nulli histrionum fabulis inherentes ferunt Carolum civitates plurimas, castra et oppida in Hispaniis acquisisse multaque prelia cum Arabibus strenue perpetrasse et stratum publicam a Gallis et Germania ad Sanctum Iacobum recto itinere direxisse...*



dos “pagãos”, ou seja, dos muçulmanos<sup>50</sup>. A partir de 1200, os temas do *Pseudo-Turpin* foram abundantemente retomados pelos cronistas anglo-normandos, pelas famílias aristocráticas de Flandres e, finalmente, pelos cronistas dos reis da França<sup>51</sup>.

Longe de ser um “guia” confeccionado por um peregrino que teria percorrido um caminho bem conhecido e amplamente freqüentado, o quinto livro do *Liber Sancti Iacobi* parece ter “criado” este caminho, como é criada uma rota turística. Foi de fato na *Historia Compostellana*, composta em Santiago sob o episcopado de Diego Gelmírez (1100-1140), que aparece a denominação *iter francigenus*, o “caminho francês”<sup>52</sup>. A elaboração das diversas peças do *Codex Calixtinus*, entre o final do século XI e os anos 1140, contribuiu sem dúvida tanto quanto a política dos reis e bispos para a criação de albergues, reforma de pontes e supressão de pedágios, enfim a criação de um itinerário terrestre que do Somport ou de Roncesvalles levava a Compostela.

De fato, o papel do quinto livro não se limita a enumerar as etapas que separavam os estreitos do Somport ou do Ibaneta de Compostela, citando os nomes de uma série de cidades ou de vilarejos. Ao longo deste itinerário, os livros segundo, terceiro e quarto do *Codex Calixtinus* traçam um caminho maravilhoso, que faz apelo à imaginação do peregrino. Daqui em diante, os lugares atravessados são igualmente ocasiões para se evocar, aqui a história de Carlos Magno, ali um ou outro dos milagres de Santiago.

O viajante que de San Miguel, no vale do Cisa, ia para Viscarret, subindo em direção ao estreito passava por Valcarlos, onde, segundo

50. L. VONES, “La canonización de Carlomagno em 1165. La *Vita S. Karoli* de Aquisgrán y el *Pseudo-Turpin*”, *El Pseudo-Turpin. Lazo entre el culto jacobeo y el culto de Carlomagno...*, pp. 271-283.
51. I. SHORT, *The Anglo-Norman Pseudo Turpin chronicle of William of Briane*. Oxford, 1973. G. SPIEGEL, “Pseudo-Turpin, the crisis of aristocracy and the beginnings of vernacular historiography in France”, *Journal of Medieval History*, 12, 1986, pp. 207-223. J. EHLERS, “El Pseudo-Turpin en las *Grandes Chroniques de France*”, *El Pseudo-Turpin. Lazo entre el culto jacobeo y el culto de Carlomagno...*, *op. cit.*, pp. 285-296.
52. *Historia Compostellana*, I, XXX, E. FALQUE (ed.), CCCMe LXX, Turnhout, Brepols, 1988, p 59: *Idem quoque episcopus quanta in Francigeno itinere vigili exercitio condiderit...* [Este mesmo bispo construiu todas as coisas no caminho francês por sua atividade vigilante...].

o *Pseudo-Turpin*, Carlos Magno na volta escutou o som da trompa de Rolando mas foi enganado por Ganelon, e onde Turpin celebrou uma missa de defuntos no mesmo dia da morte de Rolando, enquanto passava acima um coro de anjos seguido por um de demônios com a alma de Marsílio<sup>53</sup>: “perto deste monte, em direção ao norte, há um vale chamado Valcarlos no qual se refugiou Carlos Magno com seus exércitos depois que os combatentes foram mortos em Roncesvalles”, explica brevemente o quinto livro<sup>54</sup>. Chegando ao porto de Cisa, este podia ver a cruz de Carlos Magno, “porque é neste lugar que, com machados, picaretas, enxadas e outras ferramentas, Carlos Magno, indo para a Espanha com seus exércitos, abriu uma passagem, ergueu simbolicamente a cruz do Senhor e em seguida ajoelhou-se na direção da Galiza para dirigir uma prece a Deus e a Santiago”. O texto acrescenta que “Igualmente, aqui chegados, os peregrinos têm o costume de ajoelhar e de rezar virando-se para a região de Santiago, e cada um crava sua cruz como um estandarte. Podem-se encontrar, até lá, mil cruzes”<sup>55</sup>. Foi aí também que lhe contaram a história dos cavaleiros lorenos que haviam jurado nunca se separarem. Um deles caiu gravemente doente no estreito de Cisa e, à exceção de apenas um, seus companheiros terminaram por abandoná-lo; o cavaleiro morreu e o apóstolo o transportou até Compostela, juntamente com aquele que não tinha faltado com sua promessa, para que fosse aí sepultado<sup>56</sup>.

Após o porto de Cisa, o peregrino chega a Roncesvalles e pode visitar uma igreja. “Em seguida, descendo do topo, há o hospício e a igreja, na qual se encontra o rochedo que Rolando, este herói sobre-humano, rachou com um triplo golpe de espada de alto a baixo, pela metade”, explica o *Guia do peregrino*<sup>57</sup>. Pois Roncesvalles é o lugar onde ocorreu o ataque à retaguarda do exército de Carlos Magno, comandado por Rolando e Olivério, pelo rei Marsílio e por Béli Gand após a traição de

53. *LSI*, IV, XXI.

54. *LSI*, V, VII.

55. *LSI*, V, VII.

56. *LSI*, V, IV.

57. *LSI*, V, VII.

Ganelon<sup>58</sup>; o *Guia do peregrino* assinala que aí "se encontra Roncesvalles onde antigamente ocorreu a grande batalha na qual o rei Marsílio, Rolando, Olivério e outros quarenta mil guerreiros cristãos e sarracenos encontraram a morte"<sup>59</sup>.

Chegando a Pamplona, novos relatos ligam-se aos lugares percorridos. Pamplona, diz o *Pseudo-Turpin*, estava então nas mãos dos muçulmanos e, sitiada durante três meses por Carlos Magno, suas muralhas caíram após uma invocação ao Apóstolo<sup>60</sup>. Em Pamplona ainda Carlos Magno se deteve na volta, antes do desastre de Roncesvalles, e tinha exigido que os reis de Saragoça Marsílio e Béli Gand recebessem o batismo<sup>61</sup>. Mas a cidade não está somente ligada à história do imperador. Foi lá de fato que o *Livro dos milagres* situou a história do peregrino poitevino que perdeu sua mulher e foi roubado por um mau estalajadeiro. Mas Santiago emprestou-lhe um asno para terminar a peregrinação com seus filhos e apareceu-lhe em Compostela para dizer que conservasse o asno até seu retorno e para informá-lo que o estalajadeiro tinha sido punido<sup>62</sup>.

Quando o peregrino deixou Pamplona, atravessou uma planície, não longe da cidade, onde o *Liber Sancti Iacobi* situa o encontro dos 134 000 guerreiros cristãos – dentre eles Turpin, Rolando e Olivério – com o mouro Aigoland, numa planície onde os exércitos estavam separados pelo caminho de Santiago<sup>63</sup>. Em Puente-la-Reina, o *Pseudo-Turpin* lhe assegura que aí Carlos Magno acampou após sua vitória sobre Aigoland<sup>64</sup>. Pouco depois de Estella, encontra-se Monjardín, onde Carlos Magno teria enfrentado Fouré de Navarra e onde os cavaleiros que morreram no dia da batalha tinham sido marcados com uma cruz vermelha na armadura<sup>65</sup>. E foi sobre a estrada entre Estella e Logroño que o papa

58. *LSI*, IV, XXI.

59. *LSI*, V, VII.

60. *LSI*, IV, II.

61. *LSI*, IV, XXI.

62. *LSI*, II, VI.

63. *LSI*, IV, XI, XII.

64. *LSI*, IV, XIV.

Calixto, a quem é atribuído este relato, encontrou o mercador de Barcelona que ia descalço a Compostela carregando uma corrente; este lhe contou ter estado preso treze vezes em terra de Islã e treze vezes libertado pelo apóstolo ao qual ele apenas tinha pedido, em sua peregrinação, a libertação de seu corpo e não a salvação de sua alma; tendo recobrado a razão, ele partiu com suas correntes para agradecer a Santiago<sup>66</sup>.

Em Nájera, segundo o *Pseudo-Turpin*, os guerreiros de Carlos Magno tinham enfrentado o gigante Ferragut, vindo da Síria com 20.000 turcos. Após três dias de combate e uma longa discussão teológica, Rolando matou o gigante e Carlos Magno tomou a cidade<sup>67</sup>. O tema do gigante Ferragut foi um dos que os artistas mais reproduziram em Estella, sobre um capitel da fachada do palácio dos reis de Navarra, em Monjardín sobre um capitel da igreja de Santo André, sobre a fachada da catedral de Angoulême e sobre a de São Zenão de Verona, num dos vitrais da catedral de Chartres, ou ainda num dos afrescos do castelo condal de Carcassonne.

Entre Nájera e Burgos, o peregrino passava por Santo Domingo de La Calzada, cujo nome evocava aquele que, após ter tentado entrar para o mosteiro de Valvanera, tornara-se eremita e consagrara sua vida a construir e a conservar a calçada por onde passavam os peregrinos, antes de morrer por volta de 1109. Logo se contou a história de um cavaleiro originário das Gálias, que, possuído pelo demônio, teria tomado a rota de Compostela e, chegando à tumba de Santo Domingo de la Calzada, teria sido libertado; em seu retorno da Galiza, ele teria vindo se recolher sobre essa mesma tumba.<sup>68</sup> Mas, rapidamente, o milagre que o segundo livro do *Liber Sancti Iacobi* situa em Toulouse, na casa de um rico da cidade que tinha acusado injustamente dois peregrinos alemães, foi situado em Santo Domingo de La Calzada. Seus protagonistas foram uma família cujo filho, enforcado após ter sido acusado de roubo pela empregada do albergue onde passaram a noite, foi encontrado vivo por seus

65. *LSI*, IV, XVI.

66. *LSI*, II, XXII.

67. *LSI*, IV, XVII.

68. *Acta Sanctorum, Maii*, t. III, Antuérpia, M. Cnobarum 1680, p. 169.

pais em seu retorno de Compostela<sup>69</sup>. O tema do “enforcado – desenforcado” deu igualmente lugar a uma abundante iconografia em toda a Europa. Nos montes do Oca, de difícil travessia, o peregrino podia evocar a lembrança de outro milagre de Santiago, que ressuscitou o filho único de um casal de peregrinos franceses, uma criança muito esperada, nascida após uma primeira peregrinação de seu pai a Compostela, morto no caminho e cuja mãe tinha evocado a intercessão do apóstolo<sup>70</sup>.

O fio do relato maravilhoso estende-se em seguida até Sahagún, onde repousam os santos Facundo e Primitivo. O *Pseudo-Turpin*, após ter atribuído ao imperador a construção da basílica e a fundação do mosteiro, situa aí o encontro dos guerreiros de Carlos Magno e Milon com os de Aigoland, em combates singulares: cem contra cem, depois duzentos contra duzentos, dois mil contra dois mil, sempre vencidos pelos cristãos. Finalmente aconteceu a batalha campal, durante a qual morreram quarenta mil cristãos, cujas lanças tinham verdejado durante a noite, símbolo do martírio que os esperava. Mas os socorros chegaram no dia seguinte e Aigoland se retirou<sup>71</sup>. O *Guia do peregrino*, retomando o texto, menciona Sahagún por duas vezes, cidade “onde reina a prosperidade, onde se encontra um campo no qual, diz-se, as lanças cintilantes dos guerreiros vitoriosos, aí cravadas para glorificar a Deus, se puseram antigamente a verdejar”, e “cuja basílica foi erguida por Carlos Magno; perto de sua cidade há campos arborizados, nos quais, diz-se, as hastes das lanças dos guerreiros fixadas na terra verdejaram”<sup>72</sup>. Tendo chegado a León, o viajante descobria o milagre do fiel cavaleiro loreno, que em seu retorno, depois de ter sepultado seu companheiro em Compostela, anunciava aos outros vinte e oito que era inútil continuar, na medida em que sua peregrinação não era aprovada por Santiago, já que eles tinham falhado na promessa de permanecerem juntos<sup>73</sup>.

69. *LSI*, II, V.

70. *LSI*, II, III.

71. *LSI*, IV, VIII.

72. *LSI*, V, III e VIII.

73. *LSI*, II, IV.

Ao longo do caminho, enfim, sem que a cena seja precisamente localizada, corria a história de outro milagre de Santiago, o dos três cavaleiros originários da diocese de Lyon que partiram para Compostela. Um deles aceitou levar a bagagem de uma peregrina, depois cedeu seu cavalo a um pobre doente e continuou a pé levando a bagagem da peregrina e o bordão do pobre; esgotado, o cavaleiro terminou a viagem doente e atacado pelos demônios. Três dias mais tarde, ele foi salvo dos demônios pelo apóstolo – que levava o bordão do mendigo e a bagagem da mulher – o que lhe permitiu chamar um padre e morrer em paz<sup>74</sup>.

Pois é preciso chegar a Compostela. O caminho conduz até lá e os milagres ou feitos que os peregrinos ouvem ao longo de sua rota têm sempre a cidade como termo. Carlos Magno lutou contra os mouros e Rolando perdeu a vida para livrar o túmulo do apóstolo. O cavaleiro loreno que ficou no porto de Cisa para assistir seu companheiro doente foi transportado por Santiago até Compostela. O peregrino poitevino que foi roubado em Pamplona recebeu um asno para ir a Compostela com seus filhos e mesmo para retornar em seguida à sua casa. Os pais do jovem que foi enforcado em Toulouse ou em Santo Domingo de La Calzada continuaram sua peregrinação e foram agraciados com um milagre na volta. O mercador de Barcelona que tinha pedido ao apóstolo para ser salvo do cativo, mas havia esquecido a salvação de sua alma, retornava a Santiago para reparar esse esquecimento. O cavaleiro de Lyon que havia ajudado dois peregrinos durante o caminho chegou a Compostela, onde morreu libertado de seus demônios.

Compostela é de fato o lugar onde Carlos Magno celebrou um concílio e fundou a igreja à qual ele deu seus privilégios, igreja que o *Guia do peregrino* descreve em todos os detalhes<sup>75</sup>. Nesta basílica, os milagres de Santiago multiplicam-se: um peregrino italiano, que tinha colocado o relato escrito de seu pecado diante do altar, achou depois somente uma folha branca, prova de que estes lhe tinham sido perdoados; o conde Pons de Saint-Gilles e inúmeros peregrinos viram abrirem-se

74. *LSI*, II, XVI.

75. *LSI*, IV, XIX e V, IX.

diante de si as portas do oratório de Santiago durante a noite; o grego Estêvão, que rezava num pequeno oratório na igreja, foi agraciado com a aparição do apóstolo vestido como cavaleiro e anunciando a tomada de Coimbra; um borgonhês chamado Guiberto, cujos membros inferiores estavam paralisados, recuperou os movimentos após ter passado duas noites inteiras rezando na igreja<sup>76</sup>. Além disto, vindo em peregrinação em 1137, Guilherme X da Aquitânia morreu na sexta-feira santa, 9 de abril, diante do altar-mor; ele era filho do trovador Guilherme IX e pai de Eleonor, que, com quinze anos, herdou o ducado e casou-se em junho seguinte com Luís VII da França. Esta morte “milagrosa” não deixou de ser contada em seguida, principalmente por Orderico Vital († 1142), em sua *Historia Ecclesiastica*<sup>77</sup>.

Além de Compostela situa-se Padrón, onde, segundo a tradição, a barca que transportava o corpo do apóstolo martirizado e seus discípulos decidiu se deter, conforme relato da translação do terceiro livro do *Codex Calixtinus*<sup>78</sup>. O peregrino fica também sabendo que Carlos Magno, quando aí esteve, cravou uma lança no mar agradecendo a Deus e a Santiago por tê-lo conduzido até este local, indicando assim que não poderia ir mais longe<sup>79</sup>. De fato, os quatro relatos de milagres acontecidos no mar interessavam aos peregrinos que partiam para Jerusalém ou que voltavam de lá; vítimas de tempestades ou de piratas, eles não deve-

76. LSI, II, XVIII, XIX, XXI.

77. ORDERICUS VITALIS, *Historia Ecclesiastica*, XIII, PL 188, c. 955-956; *Eodem tempore, Guillelmus Pictavensium dux, minor? malorum quae nuper in Normannia operatus est, poenitentia motus, ad S. Jacobum peregre profectus est. Deinde feria VI Parasceve, V Idus Aprilis, sacra communione munitus est, et ante aram B. Apostoli venerabiliter defunctus est. Filiam vero suam Ludovico juveni Francorum regi in conjugem dari praecepit, ipsumque regem totius juris sui haeredem constituit: quod ita postea factum est* [Nesse tempo, Guilherme, duque de Poitiers, lembrando dos males que recentemente realizara na Normandia, movido pela penitência, dirigiu-se a Santiago. Ali, na sexta-feira santa, nove de abril, recebeu a santa comunhão e diante do altar do Apóstolo morreu veneravelmente. Ordenou que sua filha fosse dada como esposa ao jovem Luís, rei dos Francos, e constituiu o mesmo rei seu herdeiro de todo direito: o que depois foi feito]. L. V. DE PARGA, J. M.<sup>a</sup> LACARRA e J. U. RÍU, *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*, Madri, 1948, t. I, p. 60.

78. LSI, III, I.

79. LSI, IV, II.

ram sua salvação ao Senhor, cujo sepulcro encontrava-se na Terra Santa, mas à intercessão do apóstolo Tiago, que repousava na Galiza<sup>80</sup>.

Longe de ser testemunho passivo da existência do caminho “francês”, o *Liber Sancti Iacobi* é assim seu criador, pois a literatura não é somente um “testemunho” de seu tempo, um reflexo da realidade. Os autores do *Liber* inventam um caminho, ao mesmo tempo real e maravilhoso, que leva os grandes santuários de peregrinação do século XI – Jerusalém, Roma, Saint-Martin de Tours, Vézelay, Le Puy, Saint-Gilles – em direção à basílica de Santiago de Compostela. Francisco Rico escrevia recentemente, a respeito de um ensaio, que “os textos de um dado momento não dialogam somente com seus contemporâneos ou com os do passado, mas também com os do futuro, e mudam de sentido conforme mudam as épocas”<sup>81</sup>. O *Liber Sancti Iacobi* não se contentou então em criar uma “história” retomada a seguir em toda a Europa, ou seja, em dialogar com os textos futuros. Ele contribuiu para a criação de um itinerário “turístico” e atraiu peregrinos e curiosos para a via terrestre que desde os Pireneus conduzia a Compostela; é sem dúvida também por isso que os fatos heróicos e os milagres só são associados à parte do caminho anterior a Astorga.

De fato, o desenvolvimento deste caminho é freqüentemente posterior à elaboração das diversas peças do *Codex Calixtinus*. O “porto de Cisa”, Valcarlos e Roncesvalles foram assim lugares privilegiados no *Pseudo-Turpin* e no *Guia do peregrino*, ou seja, nos livros quarto e quinto do *Codex Calixtinus*, bem antes de sua organização para os viajantes. A primeira fundação hospitaleira data somente do começo do século XII, por volta de 1100, quando o mosteiro aragonense de Leire fundou em Valcarlos o hospital de Iruazueta e o de Gorosgaray para ajudar os peregrinos; no estreito, a capela de San Salvador, conhecida depois como “capela de Carlos Magno”, dependia de Leire<sup>82</sup>.

80. *LSI*, II, VII, VIII, IX, X.

81. F. RICO, “La fuerza de la historia”, crítica da obra *Signos viejos y nuevos. Ensayos de historia literaria* de Alberto Blecuá, *El País*, suplemento *Babelia*, 23/09/2006.

82. J. PASSINI, *El Camino de Santiago*...nº 55, 57 e 58, p. 48.



Em 1127, a pedido do rei de Aragão, o bispo de Pamplona Sancho de Larrosa (1122-1142) fundou um hospital em Ibaneta, antigo porto de Cisa, que confiou a uma confraria de clérigos e de leigos, e que foi transferido em 1132 a Roncesvalles, ao pé do estreito. Mas foi em 1134-1135, por ocasião da restauração do reino de Navarra que se seguiu à morte de Afonso o Batalhador, que o hospital de Roncesvalles recebeu inúmeras rendas do bispo e do capítulo de Pamplona; a fundação foi então colocada sob a administração de um capítulo de cônegos regulares de Santo Agostinho e a doação foi confirmada pelo papa Inocêncio II em maio de 1137<sup>83</sup>. Desde sua origem, o hospital de Roncesvalles, que conheceu seu apogeu no século XIII, teve sua existência ligada à história de Carlos Magno, e um poema composto no século XIII do qual restam apenas alguns fragmentos, evoca as lamentações do imperador neste campo de batalha<sup>84</sup>.

O tema da expedição do imperador na Espanha para liberar o sepulcro do apóstolo foi igualmente aproveitado pelos reis de Navarra para assentar seu novo poder, e o combate de Rolando e Ferragut orna uma das fachadas do palácio que construíram em Estella no final do século XII, tal como em San Andrés de Monjardín e em Navarrete, onde um dos capitéis do hospital San Juan, fundado em 1185 por dona Maria Ramires, representava igualmente o combate do sobrinho de Carlos Magno e do gigante Ferragut<sup>85</sup>. Quanto ao vilarejo que se formou ao redor da ponte sobre o Oja e dos centros de acolhimento para os peregrinos criados por Domingo de la Calzada, este cresceu rapidamente. A igreja, erguida a partir de 1098 e consagrada em 1106, foi substituída em 1160-1170 por um novo edifício mais amplo; em 1231, o papa Gregório IX ratificou a transferência da sé de Calahorra para Santo Domingo<sup>86</sup>. No conjunto, a maior parte das cidades e dos vilarejos que

83. J. G. GAZTAMBIDE, *Historia de los obispos de Pamplona*, Pamplona, Diputación Foral de Navarra, 1979, t. I, pp. 358-362.

84. R. M. PIDAL, "Roncesvalles. Un nuevo cantar de gesta español del siglo XIII", *Textos Medievales Españoles. Ediciones críticas y estudios*, Madrid, Espasa-Calpe, 1976, pp. 7-102.

85. J. PASSINI, *El Camino de Santiago...*, op. cit., n° 118, p. 80.

86. *Documentación vaticana sobre la diócesis de Calahorra y La Calzada-Logroño (463-1342)*.

pontuam o *iter francigenus* tal como descrito no *Liber Sancti Iacobi* não remontam além de 1100 e conheceram extraordinário desenvolvimento durante o século XII, suscitando assim a cobiça dos grandes mosteiros – San Juan de la Peña, Leire, San Millán de la Cogolla, Cluny, Roncesvalles, Rocamadour, Sahagún, Saint-Géraud d’Aurillac, Sobrado – e das ordens militares<sup>87</sup>.

Povoando de episódios heróicos e maravilhosos as etapas do caminho que atravessava o norte da Espanha, os autores do *Codex Calixtinus* criaram, entre o final do século XI e a primeira metade do XII, uma rota de peregrinação que se tornou tão ou mais conhecida do que o próprio santuário, indissociável deste. Os peregrinos que se dirigiam a Jerusalém tinham há muito tempo o hábito de ouvir histórias, reais ou lendárias, enquanto visitavam os monumentos. Egéria no século IV, assim como o cônego Aymeric de Antioquia no século XII, referem-se a tais relatos<sup>88</sup>. Aos peregrinos que, mais tarde, esperavam semanas ou meses por um navio em Veneza para embarcar para a Terra Santa, ofereciam-se “visitas” da cidade dos doges, onde se lhes contava sua fundação, sua história e suas lendas<sup>89</sup>. No caso da peregrinação a Compostela, o *Liber Sancti Iacobi* parece ter tido papel semelhante, com a diferença de não se referir somente à cidade e ao santuário, mas também à rota que levava até este.

A política dos reis de Castela Afonso VI e Afonso VII, entre os anos 1065 e 1157, tinha estendido os limites do reino até além do Tejo. A fim de povoar as terras recentemente reconquistadas e assegurar uma forte presença cristã no conjunto do território, os monarcas concederam *fueros* e privilégios diversos às cidades e principalmente aos *francos*

S. R. DE LOIZAGA, P. D. BODEGAS e E. S. RIPA (eds.), Gobierno de La Rioja, Instituto de Estudios Riojanos, 1995, nº 49, pp. 75-76.

87. J. PASSINI, *El Camino de Santiago...*, op. cit.

88. *Itinerarium Egeriae seu Peregrinatio ad loca sancta*, CC SL CLXXV, Turnhout, Brepols, pp. 37-90. T.H. MARTÍN-LUNAS, *Peregrinación de Egeria. Itinerarios y guías primitivas a Tierra Santa*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1994. ALMERICH, Arcidiano de Antiochia, *La Fazienda de Ultramar. Biblia romanceada et itinéraire biblique en prose castillane du XIIIe siècle*, M. LAZAR (ed.), Salamanca, Universidad, 1965.

89. É. CROUZET-PAVAN, *Venise: une invention de la ville, XIIIe-XVe siècle*, Seyssel, Champ Vallon, 1997, pp. 256-272.

que nelas se estabeleceriam<sup>90</sup>. Mas era preciso atraí-los para a Espanha e, da mesma forma que a falsa epístola do patriarca León de Jerusalém que, na metade do século IX, tinha exortado os cristãos a irem venerar o apóstolo na Galiza, os quatro últimos livros do *Liber Sancti Iacobi*, ou seja, os milagres, a translação, o *Pseudo-Turpín* e o *Guia do peregrino* reforçaram a política dos reis e atraíram para a Espanha, ao longo do itinerário “turístico” assim criado, inúmeros peregrinos, curiosos e mercadores. Em Oviedo, o bispo Pelayo († 1153) tinha igualmente tentado exaltar sua sé, elaborando um *Liber chronicorum ab exordio mundi usque era MCLXX*, que dava muita ênfase às tradições orais, às genealogias, aos lugares de sepultamento dos reis, aos edifícios e à arquitetura monumental<sup>91</sup>. Mas, nesta rivalidade, a obra de Pelayo não alcançou os resultados esperados. A de Compostela, ao contrário, talvez por ir no sentido das políticas reais, conheceu enorme repercussão. Constantemente usada por peregrinos, viajantes e artistas, até se tornar parte do patrimônio europeu, ela terminou por escapar finalmente a seus verdadeiros autores.

90. T. MUÑOZ Y ROMERO, *Colección de fueros municipales y cartas pueblas*, Madri, 1847. J. Á. G. DE CORTÁZAR y otros, *Organización social del espacio en la España medieval. La Corona de Castilla en los siglos VIII a XV*, Barcelona, Ariel, 1985, pp. 43-83. H. FRANCO JÚNIOR, *Peregrinos, monges e guerreiros. Feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval*, São Paulo, Hucitec, 1990. J. L. B. RIVAS, *La función política de los caminos de peregrinación en la Europa medieval. Estudio del camino de Santiago*, Madri, Tecnos, 1997.
91. B. S. ALONSO, *Crónica del obispo D. Pelayo*, Madri, 1924. B. S. ALONSO, *Historia de la historiografía española*, Madri, 1947, pp. 116-119. F. J. F. CONDE, *El Libro de los Testamentos...*, *op. cit.*, pp. 51-69.

**S** nome signum resume todo um programa. O *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, de Niermeyer, dá treze acepções à palavra, e podemos associá-las todas à nossa revista. De fato, ela é um “sinal manual” ou um “sinete”, uma espécie de assinatura da ABREM, através da qual esta assinala sua maioria acadêmica. A nova publicação que se tem em mãos é assim um “marco” ou uma “linha fronteira” que se ultrapassou. Nesse novo espaço, a revista torna-se não somente o lado mais visível da Associação, seu “monograma monárquico” ou “crucifixo”, mas também sua “garantia”. Se signum é ainda “gesto da linguagem muda dos monges”, no nosso caso é o gesto mudo, petrificado no papel mas muito eloqüente, que permite a comunicação entre os medievalistas brasileiros. Se aquele vocábulo também designava para os medievais “sinal da cruz”, “palavra de ordem”, “sino” e “badalar do sino”, isto é, um elemento identificador, congregador, estimulador, tudo isso a revista da ABREM tem a intenção de vir a ser. Por fim, Niermeyer lembra-nos que signum é “milagre”, o que de certa forma Signum – Revista da ABREM não deixa de ser.